

13

**STEFANO VIGNAROLI**

# A sombra da torre do sino



**ROMANCE**

**A Impressora Primeiro episódio**

**Stefano Vignaroli**  
**A SOMBRA DA TORRE DO SINO**  
**A Impressora - Primeiro Episódio**  
**II Edição**

©2015 - Primeira Edição - Amigos de Jesi

©2022 - Segunda Edição - Tektime

Tradução de **Simona Casaccia**

Todos os direitos de reprodução, distribuição e tradução reservados

As passagens sobre a história de Jesi foram retiradas e livremente adaptadas dos textos de Giuseppe Luconi

Ilustrações do Prof. Mario Pasquinelli, gentilmente cedidas pelos seus herdeiros

Capa: Jesi - Portal do Palazzo Franciolini - Foto de Franco Marinelli

Página Web <http://stedevigna.com>

E-mail para contactos [stedevigna@gmail.com](mailto:stedevigna@gmail.com)

# Índice

PREFÁCIO	
PREMISSA	
CAPÍTULO 1	
CAPÍTULO 2	
CAPÍTULO 3	
CAPÍTULO 4	
CAPÍTULO 5	
CAPÍTULO 6	
CAPÍTULO 7	
CAPÍTULO 8	
CAPÍTULO 9	
CAPÍTULO 10	
CAPÍTULO 11	
CAPÍTULO 12	
CAPÍTULO 13	
CAPÍTULO 14	
CAPÍTULO 15	
CAPÍTULO 16	
CAPÍTULO 17	
CAPÍTULO 18	
CAPÍTULO 19	
CAPÍTULO 20	
CAPÍTULO 21	
CAPÍTULO 22	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

## CAPÍTULO 1

*Magia não é feitiçaria*  
(Paracelso)

Bernardino estava bem consciente de que estava a viver em tempos em que era de facto perigoso imprimir um texto sem ter obtido a impressão eclesiástica. Se, além disso, o texto era blasfemo e ofendia a Igreja oficial, propagando doutrinas contrárias a ele, arriscávamo-nos a queimar não só os livros impressos, mas também o autor e a editora. A sua loja de impressão na Via delle Botteghe estava a ir bem. O século X tinha acabado de começar e Bernardino tinha-se afirmado como tipógrafo em toda a Itália, tendo substituído personagens móveis de madeira por personagens de chumbo, que eram muito mais fortes e duráveis. Com o mesmo “clichet” ele conseguiu imprimir mil cópias, ao contrário das trezentas que os seus antecessores da escola alemã imprimiram com “estereótipos” de madeira, apesar de manipular aquele metal lhe causar bastantes problemas de saúde. Mais de trinta anos antes, ele tinha tomado conta da gráfica de Federico Conti, um Veronês que tinha feito fortuna em Jesi, criando a primeira edição impressa totalmente italiana da Divina Comédia do grande poeta Dante Alighieri. Conti tinha atingido em curta ordem o auge da fortuna, tal como tinha caído em desgraça em curta ordem. Bernardino tinha tirado partido disto e comprou a maravilhosa loja de impressão por quatro cêntimos.

Com a calma e paciência típicas daqueles que vieram do campo de Jesi - Bernardino era originalmente do Staffolo - ele tinha crescido o seu negócio aos mais altos níveis, nunca se colocando em desacordo com as autoridades, sempre honrado e venerado. Até então, o trabalho mais importante a que ele se dedicou foi uma “História de Jesi, desde as origens até ao nascimento de Federico II”, baseada no que foi transmitido pela tradição oral e em documentos históricos, manuscritos antigos, contratos, mapas e tudo o mais que foi preservado nos palácios das famílias nobres de Jesi, Franciolini, Santoni e Ghislieri. Pietro Grizio e ele próprio tinham trabalhado na redacção da obra; embora não fosse um verdadeiro escritor, ao preparar os rascunhos para a impressão, tinha-se tornado de facto muito familiarizado com a língua italiana. Um trabalho que ele ainda não tinha terminado e que só seria impresso pelos seus sucessores em 1578, após um trabalho de revisão e acabamento considerável. Uma obra que seria a fonte histórica



mais importante da cidade de Jesi durante muito tempo, e da qual Baldassini iria tirar a sua deixo, cerca de dois séculos e mais tarde, pelo seu “Memórias Históricas da Cidade Antiga e Real de Jesi” e Annibaldi pela sua “Guia de Jesi”. Uma obra grande e importante, ainda em preparação, deixou inacabada a publicação de um livreto encomendado por uma jovem de vinte e poucos anos de idade. O que estava a passar pela cabeça de Bernardino para imprimir um panfleto dedicado ao culto pagão da Deusa Mãe e curas com ervas medicinais? O Inquisidor Chefe da cidade, o Cardeal Artemio Baldeschi, poderia ter invadido a sua oficina a qualquer momento, talvez instigado por algum outro impressor invejoso dos seus feitos. E tudo isto para fazer um favor à sobrinha do Cardeal, Lucia Baldeschi. Teria ele, aos 50 anos de idade, perdido a cabeça por causa daquela donzela?

*Não, improvável,* disse a impressora a si próprio. *Eu certamente não conseguiria passar uma noite de amor com uma jovem potra, mesmo que...* Embora a mera ideia de poder escovar as suas mãos contra as dela o tenha despertado um pouco, ele baniu esses impulsos para os recantos mais distantes da sua mente.

Em troca da impressão do manual, a jovem “bruxa” prometeu a Bernardino uma cura eficaz para a ciática que o tinha atormentado durante anos e uma pomada que o protegeria de absorver o pó de chumbo através da pele rachada das suas mãos.

«Culpa a tua anemia e as tuas dores ósseas pela pista que manejas todos os dias. Absorves através da tua pele, e inalas o seu pó enquanto respiras. Se queres viver muito mais tempo, segue o meu conselho».

Lúcia era uma jovem mulher, na altura com vinte e poucos anos, bastante alta, de cabelo escuro, com olhos de avelã sempre em movimento, curiosa sobre cada detalhe. Nada lhe escapava do que estava a acontecer à sua volta, ela tinha uma audição muito boa, e até capacidades prescientes; além disso, ela era capaz de curar uma grande variedade de doenças com ervas e remédios naturais. Isto era o que aqueles que a conheciam sabiam oficialmente. Na realidade, Lúcia era dotada de poderes desconhecidos da maioria das pessoas comuns, mas tentou não os revelar a ninguém, especialmente porque vivia debaixo do mesmo tecto que o seu tio. Ela era uma menina de nove anos quando, ao testemunhar o incêndio de Lodomilla Ruggieri na praça pública, ficou chocada com o espectáculo horripilante da execução. A sua avó segurou-a pela mão no meio da multidão à espera que a mulher condenada saísse da fortaleza no topo da *Salita della Morte*<sup>2</sup>. A

mulher, montada numa mula, com as mãos atadas às rédeas, com a roupa esfarrapada a revelar a sua nudez, ficou visivelmente exausta com as torturas que os inquisidores lhe infligiram para confessar a sua culpa. Ela tinha um olho machucado, um ombro deslocado e, quando foi retirada da mula, quase nem conseguia ficar de pé. Ela estava amarrada ao poste, com os braços para cima, para que não caísse de joelhos. Depois foi colocada madeira debaixo dos seus pés e à volta das suas pernas. Um padre aproximou-se dela com a cruz: “Negas Satanás?” Em resposta, Lodomilla cuspiu na cruz e o padre e as chamas foram colocadas na pilha. Os gritos da mulher em chamas eram desumanos, Lúcia não podia suportá-los, e ela pensou muito que se comesse a chover muito naquele momento, a água apagaria o fogo e a pobre mulher poderia ser salva de alguma forma. Ela olhou para o céu e viu-o rapidamente cheio de nuvens negras a ameaçar a chuva. Lúcia percebeu que tudo o que tinha de fazer era mandar as nuvens chover com os seus pensamentos e que a inundação viria. A sua avó, que conhecia o potencial da criança, a quem ela tinha começado a ensinar os primeiros rudimentos de magia, parou-a mesmo a tempo.

«Se não queres acabar como Lodomilla, refreia os teus instintos. Foi a Deusa que virou a nossa amiga para si, senão com as suas artes mágicas teria escapado  s chamas. Em breve ela acabará com o seu sofrimento e o seu espírito será recebido pela Boa Deusa».

Sentiu-se o estrondo de alguns trovões, mas nem uma única gota de água caiu. Em breve as nuvens limpavam e o céu tornou-se claro. O azul do final de Maio foi atravessado apenas pela coluna de fumo negro a sair da pira. Lodomilla era agora uma brasa em chamas sem vida. Alguém continuou a atirar paneleiros e atirou o fogo até que tudo o que restou da bruxa foram as cinzas.

A partir desse dia, Lúcia tinha percebido que, com os seus poderes, podia dominar os vários elementos da natureza, pondo-os ao seu serviço, tanto para o bem como para o mal. A sua avó tinha tentado guiá-la no caminho para controlar as suas artes mágicas, tinha-a ensinado a reconhecer ervas medicinais, aquelas com efeitos curativos e tóxicos, aquelas com efeitos narcóticos e aquelas com supostos poderes mágicos. Ele tinha-lhe ensinado a lançar feitiços e a fazer talism es e, aos catorze anos de idade, tinha-lhe dito:

«Apenas as bruxas mais poderosas conseguem controlar os quatro elementos, ar, água, terra e fogo. A união deles é representada pela quintessência, o espírito, que pode voar alto, fazer-te voar, e do céu permitir-

te ver coisas que de outra forma não verias. Podes ver o passado, prever o futuro, conversar com os espíritos dos nossos antepassados ou ouvir o que eu, ou outra pessoa querida por ti, gostaria de te dizer, mesmo sem estar perto de ti. Podes penetrar na mente dos outros, e ler os seus pensamentos mais íntimos. Acredito que podes ser capaz de usar todas estas faculdades, mas lembra-te, usa-as sempre para o bem. A magia negra, aquela que é usada para fins maléficis, mais cedo ou mais tarde, faz ricochete naqueles que a praticaram».

Dizendo assim, ele tinha aberto uma arca antiga e trazia à sua sobrinha um manuscrito antigo, coberto por uma caixa de pele preta na qual estava gravado um pentagrama, uma estrela de cinco pontas inscrita num círculo. Era o diário da família, que foi passado de mãe para filha, neste caso de avó para neta, porque a mãe de Lúcia tinha falecido quando ela ainda estava na infância. O diário em que cada bruxa registava as suas experiências, os feitiços que tinha inventado, as curas que tinha obtido, as experiências mágicas que tinha vivido, para que o conhecimento e a sabedoria aumentassem com o tempo. Lúcia tinha-se apercebido que estava agora no controlo dos quatro elementos quando, ao concentrar-se, tinha conseguido materializar uma esfera semi-fluida que flutuava entre as suas mãos em forma de copo, destacando-se das suas palmas por uma distância muito pequena. A esfera não era mais do que o seu espírito, uma mistura de cores que, à medida que rodopiava, em certos momentos se misturavam para dar infinitas tonalidades, e em outros se delineavam como se cada elemento quisesse recuperar a sua natureza e desprender-se dos outros. Ele reconheceu o ar pela cor amarela, a terra pela cor verde, a água pela cor azul e o fogo pela cor vermelha. Ele poderia ordenar a cada um desses elementos que fizesse o que a sua mente desejasse, para o bem ou para o mal. Se, por exemplo, ele quisesse usar fogo, a sua mente seleccionaria esse elemento e uma bola de fogo, maior ou menor em tamanho, poderia ser libertada da esfera. Acender uma fogueira no braseiro foi a coisa mais fácil do mundo: bastava que a madeira fosse arranjada para ser acesa, uma pequena bola ígnea foi dirigida por Lúcia em direcção a ela e imediatamente tiveste uma bela fogueira crepitante. Mas esses poderes também podem ser perigosos. Um dia uma jovem da sua idade, uma rapariga chamada Elisabetta, apóstrofou-a na rua, zombando dela porque agora tinha quinze anos e nenhum jovem lhe tinha voltado a atenção.

«Dizem que és uma bruxa, nenhum homem te vai querer, porque aqueles como tu só fazem amor com o diabo. O facto é que aquele com quem acasalas não é o diabo, mas o bode do Tonio, o agricultor que tem a terra junto ao rio».

Lúcia atirou-lhe uma bola de fogo, tão grande como nunca tinha feito uma antes, e as roupas e cabelo da infeliz mulher pegaram fogo. Depois ela chamou pelo ar, levantou os braços acima da cabeça e, com movimentos circulares dos braços, criou um turbilhão, que se afastou dela na direcção da outra rapariga. O vento alimentou ainda mais as chamas, Elizabetta sentiu a dor excruciante na sua pele e começou a gritar. Lúcia lembrou-se então das recomendações da avó e teve pena da rapariga impertinente. Ela pediu água e desencadeou uma súbita água, depois pediu à terra para fornecer ervas para uma compressa calmante a aplicar nas queimaduras da rapariga. Em suma, nada de grave tinha acontecido, a rapariga só tinha uma túnica meio queimada e pele avermelhada, mas também não se tinham formado bolhas. Ela teria de cortar o seu cabelo, o cabelo que lhe restava tinha ondulado de tal forma que se assemelhava a um porco-espinho, mas depois voltaria a crescer.

«Não me voltes a atrapalhar, da próxima vez talvez não consiga parar».

«Bruxa, vou denunciar-te às autoridades. Será você quem será queimado vivo. Na fogueira. Na praça pública. E observarei como as chamas o consomem. Bruxa! Bruxa!»

Estas palavras recordaram-lhe a execução da bruxa Lodomilla, que ela tinha testemunhado quando era criança.

Sem proferir mais palavras e sem voltar a apelar aos seus poderes, Lúcia afastou-se daquele lugar, esperando que a eventual história de Elizabetta não fosse levada a sério, e voltou para casa, para o Palazzo Baldeschi, um enorme edifício que não se debruçou sobre a Praça do Mercado.

O palácio tinha sido terminado alguns anos antes, com base numa construção de mais de três séculos, a mando do seu tio, o Cardeal Artemio Baldeschi, que era então irmão da sua avó. A suntuosa residência estava situada entre a nova igreja de St Florian e a Catedral. Esta última era uma magnífica igreja de estilo gótico, embelezada com belos pináculos na fachada, com um espaçoso interior de três trincheiras, capaz de acomodar mais de dois mil adoradores. Infelizmente, tinha sido construída com base no Templo de Júpiter e nos antigos banhos romanos, sem que aqueles que o tinham construída na altura se tivessem preocupado demasiado em fortificar



as fundações. Assim, o edifício não era seguro e teria de ser demolido para dar lugar a uma nova igreja dedicada ao santo padroeiro da cidade, São Séptimius, cujas relíquias foram guardadas na cripta da antiga catedral. Por enquanto, o Cardeal celebrou a Santa Missa todos os domingos na igreja de San Floriano, e tinha também assegurado que o convento adjacente, que era suposto ser para os frades da Ordem Dominicana, se tornasse em vez disso a sede do Tribunal da Santa Inquisição, uma vez que ele era o Inquisidor Chefe. Os dominicanos foram portanto relegados para um convento mais abaixo no vale, construído num antigo edifício do século XII, perto da igreja de São Bernardo e do convento das freiras Clarisse della Valle.

O coração de Lúcia agarrou-se quando, após alguns dias, foi convocada pelo tio Artemio<sup>3</sup> para o seu estudo, na outra ala do edifício da ala habitada por ela e pela sua avó. O estudo do tio era uma sala enorme, luxuosamente mobilada, as paredes adornadas com tapeçarias, o chão parcialmente coberto com um enorme tapete. Uma parede inteira foi ocupada por uma estante, contendo textos sagrados e profanos, manuscritos valiosos e alguns textos impressos, incluindo uma cópia da Divina Comédia de Dante Alighieri, feita anos antes por Federico Conti na sua loja de impressão em Jesi. Lúcia teria dado tudo para poder consultar esses pontos, mas foi sempre estritamente proibida.

O cheiro dos veludos, que cobriam cadeiras e poltronas, contribuiu para tornar o ar na sala pesado e irrespirável, quase ao ponto de asfixiar. As janelas com vista para a praça permitiram ao Cardeal lançar o seu olhar sobre o centro nervoso da sua cidade, mantendo os seus ilustres concidadãos sob controlo, mas foram sempre hermeticamente fechadas para evitar que o barulho da praça e das ruas perturbasse a concentração do prelado mais alto do local. O cargo de cardeal permitiu-lhe estar acima de qualquer outro cargo político, podendo contestar até qualquer decisão do Capitão do Povo, que residia no não muito distante Palazzo del Governo. O poder que lhe foi dado pelo Papa Alexandre VI, e confirmado pelos seus sucessores, Pio III, Júlio II e Leão X, foi de facto respeitado e temido por todas as outras autoridades locais na altura.

O Cardeal ofereceu a sua mão anelada à sua sobrinha para que ela se beijasse, depois convidou-a a sentar-se numa das cadeiras imponentes em frente à sua secretária.

«Lúcia, minha querida sobrinha, já não és uma criança, e chegou o momento de encontrar para ti um homem que será um marido digno. Se não há outro jovem nos seus pensamentos, gostaria de lhe propor o filho do Capitão do Povo, Andrea. Tem vinte anos de idade, é um jovem bonito, e é bom tanto a montar como a manusear armas», virou-se para ela enquanto limpava as lentes dos seus espectáculos venezianos requintadamente trabalhados com um pequeno pano. À espera que a jovem respondesse, voltou a respirar nas lentes, esfregou-as cuidadosamente com o pano e depois colocou os seus óculos, fixando o seu olhar penetrante nos olhos de Lúcia.

O Cardeal, com quase sessenta anos de idade, além do seu cabelo grisalho, era ainda uma pessoa forte e robusta com uma figura alta e esguia; os seus olhos castanhos de aspecto aguçado destacavam-se contra a pele pálida do seu rosto, que apesar da sua idade ainda não parecia sulcada por rugas óbvias. Apenas naqueles raros momentos em que sorria, os pés de galinha formam-se nos lados dos olhos. Lúcia sabia que não era certamente por isso que tinha sido convocada, e tentou penetrar na mente do seu tio para saber o que ele realmente queria, mas os seus pensamentos foram selados atrás de barreiras invisíveis e muito resistentes. A sua avó tinha-a avisado, o tio Artemio fazia parte da família e, como todos os seus membros, era dotado de poderes, talvez mais fortes do que qualquer um deles. No entanto, na aparência e nos olhos do povo, tinha dedicado a sua vida a combater a bruxaria e a heresia.

«Se ele também é um feiticeiro, porque é que luta contra os seus semelhantes», Lúcia perguntou um dia à sua avó.

«Porque é da sua derrota que ele é capaz de aumentar os seus poderes. Nunca lhe vires as costas, nunca confies nele, se ele descobrir que és uma criatura com poderes fortes, mesmo que sejas sua neta, ele não hesitaria em condenar-te à estaca, e ver-te a arder, enquanto os teus poderes também se transferem para ele. Quando estiveres na sua presença, não penses, ele lê os teus pensamentos, mesmo os mais escondidos, e, além disso, impede-te de leres os dele».

E era verdade! Naquele momento Lúcia estava a experimentar que não podia de forma alguma penetrar na sua mente, era como se não tivesse pensamentos, e mesmo assim deve ter tido.

«Eu deveria saber se gosto dele, conhecê-lo e ver se me posso apaixonar por ele».

«Apaixone-se, que grande palavra! Em famílias nobres como a nossa, casa-se com base num contrato. A família encontra um bom par para a rapariga e ela irá honrar o seu marido escolhido. Mas eu quero conhecê-lo. Eu e o Capitano del Popolo, Guglielmo dei Franciolini, organizaremos uma festa onde você e Andrea se conhecerão. E agora vai, eu avisar-te-ei quando a festa será realizada».

Sem responder, Lúcia já se tinha levantado da sua cadeira e estava prestes a despedir-se, quando o Cardeal voltou a dirigir-se a ela.

«Ah, esqueci-me», disse ele, como se fosse algo que não lhe interessava de todo. «Disseram-me que há alguns dias resgatou um companheiro cujas roupas tinham pegado fogo. Bravo, nós Baldeschi devemos distinguir-nos nesta cidade e mostrar que ajudamos os outros em todas as circunstâncias».

Naquele momento, Lúcia tinha a percepção da mente do seu tio a vasculhar os cantos mais afastados do seu cérebro. Ela ainda não conseguiu forçar a si própria a não pensar, mas tentou recordar a cena na sua mente de forma diferente de como tinha acontecido na realidade. Eis que Elisabeth se tinha aproximado da fogueira que o Mestre Dyer tinha acendido em frente da sua oficina no início da descida de Fortino, para ferver o pote de água no qual ele mergulharia os tecidos a serem tingidos com as suas cores garridas. Uma aba do hábito da rapariga tinha sido tocada pelas chamas, que se tinham levantado num instante e até queimado o seu cabelo. Felizmente, tinha começado a chover subitamente, e Lúcia, que por acaso estava de passagem, tinha observado a sua pele avermelhada e tirado do seu alforge um frasco de aloé e pomada de linhaça, um remédio natural para as queimaduras solares que a sua avó utilizava para preparar.

«Bravo, estou orgulhoso de ti!», repetiu o Cardeal.

Lúcia deixou a sala, esperando no seu coração que tivesse incomodado o seu tio, embora não pudesse ter a certeza.

*Se ele sabe realmente que eu sou uma bruxa e que tenho poderes que ele pode invejar, o que é que ele fará? Manter-me sob controlo até ele estar seguro das minhas capacidades e depois atirar-me impiedosamente para uma estaca e ver-me morrer nas chamas? Mas então porquê propor-me um marido? Mah, talvez este seja um jogo político. Casar a sua sobrinha com o filho do Capitano del Popolo irá aumentar ainda mais o seu poder temporal sobre esta cidade, onde ainda há demasiados habitantes que se proclamam Ghibellines. Não me surpreenderia se o tio quisesse centralizar tanto o*

*poder religioso como político sobre si próprio. Fica atenta, Lúcia, e não te deixes enganar nem pelo teu tio nem por esta jovem Andrea.*

Ela teria gostado de saber mais sobre Andrea, mesmo antes de se encontrar com ele na festa oficial. Quem sabe quando é que este evento teria tido lugar? Se o seu tio se tivesse exposto, ela poderia ter a certeza de que não demoraria muito até que ele o organizasse.

Mergulhada nos seus pensamentos, atravessou o longo corredor que a levou de volta à ala do edifício onde vivia. No final do corredor desceu as escadas, encontrando-se no rés-do-chão, no corredor da porta da frente. Ela teria de subir as escadas à sua frente para chegar aos seus apartamentos. À sua direita, através de uma porta de madeira, tinha acesso aos estábulos. Marrocos, o seu garanhão favorito, sentiu a sua presença e queixou-se para saudar a rapariga, que se sentiu tentada a empurrar a porta apenas o suficiente para entrar e ir dar uma carícia ao corcel preto. Mas a sua atenção foi atraída para outra pequena porta de madeira, que levou ao calabouço do palácio. Normalmente essa porta estava aparafusada, mas nesse dia estava estranhamente entreaberta. A sua avó tinha-a avisado mais de uma vez para não se aventurar na masmorra. Lá em baixo havia um labirinto, no qual era fácil perder-se, representado pelas ruas e salas dos antigos edifícios romanos. De facto, todos os edifícios mais recentes assentavam as suas fundações em construções romanas antigas. A curiosidade de Lúcia era demasiado forte. Ela pensava que se esses recessos, que eram agora túneis, galerias e caves, tivessem sido outrora habitados, os espíritos dos antigos habitantes poderiam ter-lhe falado, contado as suas histórias, confiado os seus medos e sentimentos. Afinal de contas, o Palazzo Baldeschi estava no que no tempo dos romanos era a acrópole, o fórum, o centro comercial e político da cidade. Ali estavam os templos, ali estavam os banhos, um pouco mais adiante, onde agora se ergue o novíssimo Palácio do Governo, havia um enorme anfiteatro; mais perto, perto das muralhas da cidade ocidental, estava a grande cisterna para o abastecimento de água.

*Será ali em baixo escuro, pensou Lúcia. Vou precisar de uma fonte de luz.*

Entrou no estábulo e deu a Marrocos um pequeno presente, que reclamou a cenoura que a rapariga lhe trazia de presente. Lúcia arrancou-o do seu bolso e o animal foi rápido a tirá-lo suavemente dos seus lábios. Ela acariciou o cavalo na parte de trás do nariz, procurando com os olhos por uma lanterna. Ela viu-o, desengatou-o do prego ao qual estava preso, verificou que estava cheio de óleo, depois focou o seu olhar no pavio, que se

incendiou em poucos momentos. Ele baixou a chama, saiu do celeiro e aventurou-se a descer as escadas desniveladas em direção às entranhas da terra. Embora a terra fosse um dos elementos sobre os quais ele tinha controle, ele tinha um pouco de medo nesse momento. Quase parecia que aquela escadaria nunca mais acabaria, tanto tempo foi assim. Mas talvez essa tenha sido apenas a impressão de Lúcia. Ela finalmente deixou o último passo com o pé. A humidade era forte lá em baixo, o suor da rapariga congelava nela, e o seu hálito condensava em pequenas nuvens de vapor. Ela levantou a chama da lanterna. Havia vários corredores, delimitados por antigas paredes de pedras e tijolos brutos. Uma, muito longa, perdeu-se na escuridão que se avizinhava. A sua avó tinha-lhe dito que havia uma longa passagem que podia ser utilizada durante os cercos, para atravessar as linhas inimigas e adquirir mantimentos para as pessoas sitiadas e armas para os defensores da cidade. Esta passagem acabou mesmo perto da residência rural da família Baldeschi, no início da estrada para Monsano, uma cidade situada a poucos léguas de Jesi, e aliada de longa data da nossa cidade. À sua direita, um túnel teria certamente conduzido em breve à cave da catedral, talvez até à cripta que albergava as relíquias de São Séptimius. O túnel à sua esquerda poderia tê-la conduzido à base da igreja de São Florian, bem como à antiga cisterna romana. Quem sabe se esta última ainda estava cheia de água, Lúcia interrogou-se. Decidiu dirigir-se para a sua direita, em direção à cave da catedral, e logo se encontrou numa pequena capela quadrada. Quatro estátuas de mármore branco sem cabeça, como colunas, suportavam a abóbada transversal da capela. Muito provavelmente eram estátuas que outrora tinham agraciado os banhos romanos. Privadas das suas cabeças, que estavam empilhadas num canto escuro escondido, tinham sido utilizadas por aqueles que em tempos tinham desenhado a catedral, como colunas. No centro da capela, debaixo da abóbada apoiada por arcos góticos, um pequeno altar de pedra emoldurou um santuário contendo as relíquias do primeiro Bispo de Jesi, Septimius. O santo, como muitos dos cristãos da época, tinha sido martirizado a mando das autoridades romanas. O governador romano que governou a cidade de Jesi ordenou a sua decapitação, depois de Septimius ter convertido uma grande parte da população ao cristianismo, incluindo a filha do próprio governador. Septímio tinha sido considerado um perigoso inimigo do Império Romano e executado. Os ossos tinham sido roubados pelos primeiros cristãos para os salvar da profanação pelos pagãos, e escondidos tão bem que durante séculos ninguém sabia onde eles estavam.

O santo foi decapitado em 304 e os seus restos mortais só foram encontrados após 1.165 anos na Alemanha. Por conseguinte, só tinham sido devolvidos àquele lugar de culto cerca de 50 anos antes.

*Como a humanidade é estranha, disse Lúcia a si própria. O mesmo tratamento que os romanos reservaram aos primeiros cristãos, que foram perseguidos, parece agora ser reservado pela Igreja Católica para aqueles que não pensam como ela: aqueles que se desviam da doutrina oficial são marcados como hereges e podem acabar por ser mortos na praça pública. Bruxas, hereges, judeus... são julgados e queimados na fogueira, só porque têm a coragem de expressar as suas ideias e conhecimentos. Mah, agora a Igreja está a implicar com hereges, amanhã, no futuro, alguma outra facção irá assumir o controlo e talvez sejam os cristãos que serão novamente perseguidos. Porque não deve haver justiça neste mundo? Que Deus é este que permite tanta maldade no mundo, mas especialmente no coração do homem?*

Ao seguir o curso dos seus pensamentos, uma ténue lâmina de luz gerada por um sol próximo do pôr-do-sol conseguiu filtrar através de uma pequena janela de mulhão, localizada no alto da abside da catedral acima, iluminando aquela área onde as cabeças das estátuas romanas estavam amontoadas. A atenção de Lúcia prolongou-se em alguns detalhes que ela não tinha sido capaz de notar antes, lá perto daquelas cabeças esculpidas em pedra tantos séculos antes. Uma espécie de pentagrama tinha sido desenhado no chão de terra, diferente daquele que estava habituado a ver desenhado na capa do diário. na capa do diário da família que lhe foi dado há muito tempo pela avó. O desenho parecia assimétrico, representando uma estrela de sete pontas feita através do desenho de uma linha contínua dentro de um círculo. Cada ponto da estrela intersectava um ponto na circunferência, em cada um dos quais havia escrita em caracteres hebraicos, cujo significado Lúcia não conhecia. Em cada um dos sete pontos, um vestígio de cera derretida era visível, deixado por uma vela que ali tinha sido acesa. No centro da figura estavam dois bonecos de trapo, feitos de palha, à volta dos quais tinham sido enroladas roupas em miniatura. Representavam uma mulher velha e uma rapariga: as roupas da mulher velha eram queimadas, enquanto a mulher jovem tinha um alfinete espetado no peito. Lúcia arfou, o seu coração bateu de forma selvagem, num instante ela tinha compreendido tudo. Foram aí realizados ritos de magia negra, e as bonecas representavam-na e à sua avó. Era evidente que alguém queria vê-los sofrer, se não mortos. Quem? Quem



poderá ser? Apenas uma pessoa poderia ter ido lá abaixo. A igreja acima estava agora fechada, proibida aos fiéis durante mais de um ano, pelo que a cripta não podia ser alcançada a partir da catedral. A passagem que ela tinha percorrido estava fechada por uma porta constantemente barrada, e apenas o seu tio, o Cardeal Artemio Baldeschi, Chefe Inquisidor, tinha a chave. É claro que já há demasiado tempo que as execuções tinham tido lugar em Jesi; a última estaca tinha sido acesa seis anos antes, aquela em que Lodomilla tinha perdido a sua vida. Agora o Cardeal tinha de saciar a sua sede, a sua luxúria pelas vítimas, o seu desejo de testemunhar o sofrimento e a morte directamente diante dos seus olhos, sob o seu olhar. Sim, porque ao contrário da maioria dos inquisidores que, uma vez pronunciada a sentença, entregaram a vítima ao braço secular da Lei, evitando testemunhar a tortura daqueles que tinham condenado, Artemio costumava assistir à execução, na fila da frente, levando por vezes a tocha na sua mão e incendiando a pilha. Ele parecia ter um prazer sádico em ver a sua vítima a contorcer-se nas chamas, continuou a olhar para ela até ao fim, e por uma razão precisa: para capturar a alma do condenado no preciso momento em que deixou o seu corpo mortal.

Incubada por estes reflexos, assustada com o que tinha visto, Lúcia agarrou a lanterna e correu pelas escadas, a sua mente ocupada por um medo. Encontraria ela a porta aberta novamente? E se o tio dela se tivesse lembrado que não o tinha trancado e que tinha voltado para o fechar? Ou e se ele o tivesse feito de propósito, para a induzir a ir lá abaixo e enterrá-la viva? Não, isso não teria sido suficiente para Artemio, ele tinha de ver o sofrimento da sua vítima no seu rosto, não teria sido como ele deixá-la morrer ali. Ele só queria assustá-la, e tinha conseguido. A pequena porta de madeira estava aberta, Lúcia saiu para o corredor, voltou a colocar a lanterna onde a tinha levado, nem sequer deu uma olhadela a Marrocos e correu para o ar livre, para a praça, com o coração ainda na garganta.

Era quase o pôr do sol num dia quente no final de Maio e a luz avermelhada do sol deu cores espectaculares à bela praça onde o Imperador Federico II da Suábia<sup>4</sup> tinha nascido mais de três séculos antes. Ela disse a si própria que teria de investigar o significado dos símbolos encontrados na cripta do diário de família, naquele precioso manuscrito que a sua avó lhe tinha dado. Mas agora ela tinha de se acalmar, e decidiu dar uma volta pela cidade. Atravessou a praça para o lado oposto, virou à esquerda e desceu a Costa dei Longobardi para chegar à parte inferior da cidade, onde viviam

comerciantes e artesãos. Os palácios eram menos suntuosos do que os da parte superior da cidade, mas foram no entanto enriquecidos com elementos decorativos, com portais finos e cornijas à volta das janelas. As fachadas eram quase todas embelezadas com gesso, pintadas em cores pastel, tais como azul claro, amarelo, ocre e laranja suave; raramente eram deixadas com cara de tijolo, como era o caso dos palácios do interior da cidade. Para lembrar que estas habitações tinham sido construídas graças ao dinheiro ganho por aqueles que lá viviam, inscrições como 'De sua pecunia' ou 'Suum lucro condita - Ingenio non sorte' apareceram frequentemente nos lintéis de portais ou janelas do primeiro andar. No final da Costa dei Longobardi, virando à direita, em breve se poderia chegar à igreja dedicada ao Apóstolo Pedro, que foi construída pela comunidade Lombarda que vive em Jesi na segunda metade do século X. "Principi Apostolorum – MCCLXXXIII", pode-se ler acima do portal; a pessoa que tinha gravado a data tinha pouca memória de como os números eram escritos em latim, ou talvez nunca tivesse sabido, sendo um arquitecto de origem bizantina, já habituado a lidar com numerais árabes, que eram muito mais fáceis de memorizar. Em frente à igreja, o Palazzo dei Franciolini, recentemente concluído, era a residência do Capitano del Popolo, Guglielmo dei Franciolini. Também ele tinha feito a sua fortuna como mercador desde que, após a descoberta do Novo Mundo, tinham sido abertos novos canais comerciais e muitos bens novos tinham também chegado a Jesi. Aqueles que podiam ter aproveitado, e que tinham conseguido acumular uma riqueza considerável num curto espaço de tempo. Lúcia permaneceu sobre o rico portal do palácio, limitado por duas colunas e alguns azulejos quadrados de grés, decorados com representações de deuses e símbolos da época romana. Muito provavelmente, ao escavar as fundações da casa, foram encontrados elementos decorativos de uma casa de algum patrício romano, e estes tinham sido reutilizados para embelezar o portal. Lúcia reconheceu o Deus Pan, Bacchus, a Deusa Diana, e depois os lírios de três pontas... e uma estrela de seis pontas formada por dois triângulos cruzados - estranho, não era esse o símbolo dos judeus? - e novamente uma estrela de cinco pontas, um pentáculo<sup>5</sup>, e... um desenho de sete pontas inscrito num círculo, semelhante em todos os sentidos ao que tinha visto anteriormente na cripta. Estes últimos desenhos não podiam remontar à época romana e, de facto, olhando cuidadosamente para os azulejos em que eram feitos, podia-se ver que estes eram de um desenho diferente, mais recente do que os outros, talvez feitos com o propósito de decorar o portal.

Mas qual foi o significado de tudo isto? Nessa pequena praça, o sagrado coexistiu com o profano: por um lado, a igreja dedicada ao principal dos apóstolos, a Pedro, o primeiro papa na história do cristianismo, e por outro, figuras e símbolos pagãos que poderiam acusar o anfitrião de ser um herege. No entanto, o tio Cardeal estava em boas condições com Francio-lini, ele até lhe tinha proposto o seu filho como futuro marido! Quanto mais ela olhava para esses símbolos, mais Lúcia pensava que havia algo de mágico no local. Talvez esse palácio tivesse sido construído sobre as ruínas de um templo pagão, e tivesse mantido as suas peculiaridades. Ele tentou concentrar-se, para abrir o seu terceiro olho à clarividência, invocou o seu espírito, para o fazer pairar acima e escanear elementos que de outra forma não teria visto. Já nas suas mãos em forma de copo, a colorida bola semi-fluida estava a materializar-se, quando o portão do palácio se abriu subitamente, revelando na meia-luz um jovem com uma ligeira armadura de batalha, montado num poderoso corcel, que por sua vez foi aproveitado à cabeça para o proteger de quaisquer golpes que pudessem ser dados por espadas e lanças.

O cavaleiro segurava a bandeira da República Jesina na sua mão direita, representando o leão desenfreado adornado com a coroa real. Assim que o portão foi totalmente aberto, ele estimulou o seu cavalo lá fora, quase atropelando a Lúcia que ali estava de pé. A rapariga assustada distraiu-se, e a esfera desapareceu imediatamente. O cavalo, confrontado com o obstáculo inesperado, levantou-se, chutando as suas patas dianteiras para o ar. Lúcia ouviu um casco a uma distância muito curta do seu rosto, mas não entrou em pânico e fixou o seu olhar nos olhos azuis-marinhos do cavaleiro, que tinha a viseira do seu capacete levantada. Por um momento ele perdeu-se naqueles olhos, o cavalo acalmou-se e o cavaleiro voltou o seu olhar para a donzela, olhando por sua vez para os olhos da aveleira. Houve um momento de calma, de silêncio total, o encontro dos dois olhares parecia ter parado o tempo.

Quem era aquele belo cavaleiro, pronto para uma hipotética batalha em defesa da sua cidade? Foi talvez a Andrea? Se assim fosse, ela deveria ter ficado grata ao seu tio mau! Mas talvez Franciolini tenha tido outros filhos. Ela não teve tempo de abrir a boca, porque após alguns momentos, os sinos da igreja de San Pietro começaram a tocar, e aos poucos foram-se-lhes juntando os da igreja de San Bernardo, depois os de San Benedetto, e finalmente os de San Floriano. Lançando um último olhar sobre a Lúcia, o cavaleiro voltou a impulsionar o seu cavalo, chegando à vizinha Piazza del

Palio, o enorme espaço aberto dentro das paredes, dominado pelo Torrione di Mezzogiorno. Em pouco tempo, outros cavaleiros de armas agruparam-se em torno do homem que segurava a bandeira, depois chegaram pessoas a pé, armadas com bestas, punhais e qualquer outra arma que pudesse ser usada contra o inimigo.

«O povo de Ancona está a atacar-nos!» gritou o nobre Franciolini. «Os nossos vigias viram-nos do Torrione del Montirozzo. Hoje, 30 de Maio de 1517, preparamo-nos para defender as muralhas da nossa cidade».

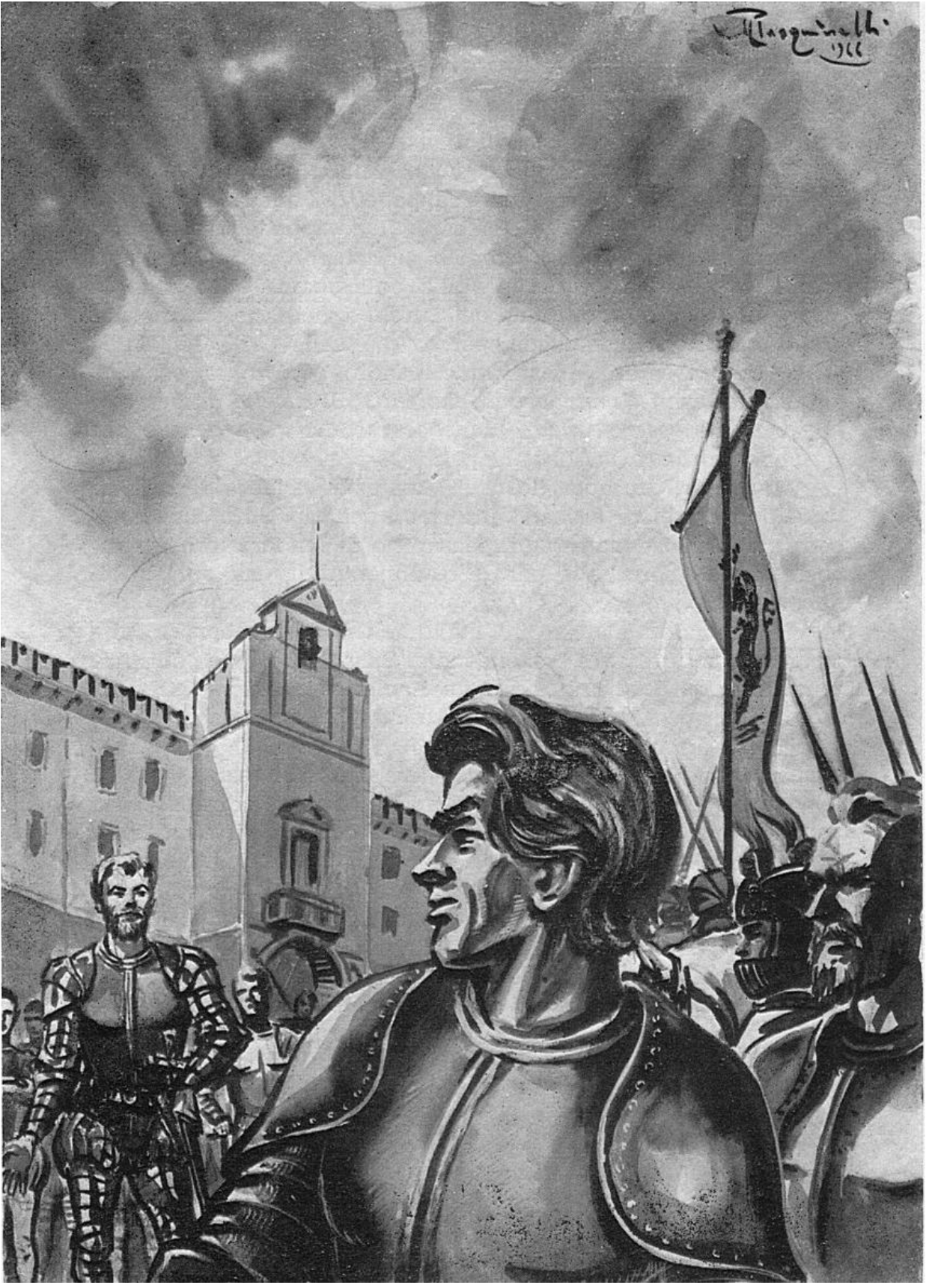
Todos os portões estavam fechados, a maioria dos homens a pé arranjaram-se nos terraços, enquanto os cavaleiros lotaram a praça dentro de Porta Valle, prontos para se separarem contra o inimigo.

Mas para aquela noite, o exército de Ancona, liderado pelo Duque Berengario di Montacuto, não se aproximou de Jesi, mas permaneceu acampado mais abaixo no vale, a algumas léguas da cidade de Monsano, meio escondido no mato ribeirinho perto do rio Esino.

Durante alguns dias, o alerta permaneceu. Ao anoitecer, os escólexes chegaram às muralhas, para reforçar a guarda normalmente atribuída a alguns vigias, e das paredes ressoava o chamamento de uma canção que a população não ouvia há vários anos:

*Tocar a trombeta que já o dia tinha acabado,  
já do toque de recolher a canção subiu!  
Para cima, sentinelas, para os guardas armados  
das torres, olà,  
Vigia silenciosamente!*

O Capitano del Popolo tinha imposto um recolher obrigatório aos cidadãos. Às nove horas da noite, qualquer pessoa que não entrasse nas muralhas das paredes tinha de se retirar estritamente dentro de casa. Mas a guarda iria em breve ser baixada. Estava prevista uma festa para a noite de 3 de Junho no Palazzo Baldeschi, onde seria anunciado o compromisso da sobrinha do Cardeal, Lúcia, com o cadete da casa de Franciolini. Naqueles dias, cada vez que Lúcia encontrava os olhos do seu tio, embora não conseguisse ler os seus pensamentos, via apenas uma palavra desenhada no seu rosto: “traição”. Mas ela não conseguia compreender que interpretação dar a essa palavra, ao mesmo tempo tão simples e tão complexa.



**You've Just Finished your Free Sample**

**Enjoyed the preview?**

**Buy: <http://www.ebooks2go.com>**